

Gabriela de Almeida

**CIBER-RESISTÊNCIA
NEGRA E AMOR
POLÍTICO**

¹Em entrevista à revista Veja, em 1992, a ialorixá Gildásia dos Santos e Santos, conhecida como Mãe Gilda, expressou sua preocupação com os rumos da economia brasileira ao se juntar a manifestações populares pelo impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello. Na foto que acompanhava a matéria, a mãe de santo vestia seus trajes religiosos habituais e apresentava sua contribuição ao país: uma oferenda preparada como súplica aos orixás. Sete anos depois, a mesma imagem foi retirada de contexto e usada na capa da Folha Universal, veículo da Igreja Universal do Reino de Deus, que a acusava de ser uma “macumbeira charlatã”. Na época, o jornal voltado ao público evangélico tinha uma tiragem de 1.372.000 exemplares e distribuiu de forma ampla e gratuita uma reportagem que colocava Mãe Gilda como exemplo de “macumbeiros charlatões que lesam o bolso e a vida de clientes”.

A publicação rapidamente espalhou a informação manipulada, causando pânico, medo e raiva entre o público-alvo. Como resposta imediata à mentira, o terreiro Ilê Axé Abassá de Ogum foi invadido, e Mãe Gilda tornou-se alvo de ataques de ódio², sofrendo uma série de agressões verbais e morais por parte de fiéis da Assembleia de Deus, dentro de seu próprio espaço religioso, em Salvador. A indignação motivada pela reportagem levou a repetidos episódios de agressão verbal contra a mãe de santo, figura central na articulação política por justiça social para a população de terreiro em sua época. Meses depois, a violência sofrida agravou seu estado de saúde e Mãe Gilda teve um infarto fulminante. O dia de sua morte, 21 de janeiro de 2000, passou a ser lembrado oficialmente como o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, após a sanção da Lei nº 11.635, em 2007, pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Mais de 20 anos se passaram e a violência daquela foto posta em contexto mentiroso ainda respinga na memória de Mãe Gilda. O busto criado em sua

¹ Jornalista e mestra em Direitos Humanos e Cidadania pela Universidade de Brasília, Gabriela de Almeida Pereira pesquisa desinformação, raça, gênero e inteligência artificial. Sua carreira inclui passagens pelo Fundo de População das Nações Unidas, ONU Mulheres, jornal Correio Braziliense, revista Veja Brasília e portal Metrôpoles, onde assinou uma coluna semanal de educação midiática intitulada #NasRedes. Também no campo de educação midiática, foi diretora de relações institucionais do Redes Cordiais, onde atuou no advocacy por políticas digitais mais inclusivas e responsáveis e esteve à frente de projetos de combate à desinformação para lideranças comunitárias, influenciadores e agentes comunitários de saúde.

² Vozes Populares | Intolerância religiosa ou racismo religioso?

<https://www.brasildefato.com.br/podcast/vozes-populares/2022/01/20/vozes-populares-intolerancia-religiosa-ou-racismo-religioso/>

homenagem, em Salvador, já foi vandalizado diversas vezes desde então. Um dos casos, datado de julho de 2020, foi praticado por um homem, munido do que chama de fé, que quebrou a estátua criada em homenagem à mãe de santo alegando que o ato teria sido motivado “a mando Deus”³. O estrago feito por uma única publicação teve consequências físicas, financeiras, psíquicas e memoriais para Mãe Gilda e seus familiares. Trago a história de Mãe Gilda para este trabalho para dar uma dimensão de como o ódio ocasionado pela disseminação de conteúdos falsos pode acarretar violência on e offline, justamente porque não há dissociação de nossa existência “dentro e “fora” da internet, visto que vivemos uma experiência híbrida, nomeada como “onlife”, pelo pesquisador italiano Luciano Floridi⁴.

Criar mentiras e falsas acusações sobre pessoas negras não é, e nem nunca foi, uma novidade, tampouco surgiu com as plataformas e redes sociais. No entanto, o ambiente virtual acentuou processos acusatórios e difamatórios que têm como objetivo normalizar práticas racistas, aumentando a visibilidade e o alcance de conteúdos odiosos.

Mãe Gilda, infelizmente, não é exceção. Casos como os de Marielle Franco⁵, João Pedro⁶ e Marcos Vinícius⁷ escancaram um padrão: a associação entre desinformação, discurso de ódio e violência racial que atravessa gerações — agora intensificada pelas novas tecnologias, como os deepfakes. O termo deepfake designa vídeos, áudios ou imagens manipuladas com inteligência artificial para simular de forma realista ações, falas ou rostos de pessoas conhecidas ou não. Embora existam usos legítimos e criativos – como o recente álbum que “devolveu” a voz ao sambista

³ Busto de Mãe Gilda é alvo de vandalismo em Salvador; suspeito foi levado para delegacia <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/07/15/busto-de-mae-gilda-e-alvo-de-vandalismo-em-salvador-suspeito-foi-levado-para-delegacia.ghtml>

⁴ FLORIDI, Luciano. The Onlife Manifesto: Being Human in a Hyperconnected Era. London: Informática; Rio de Janeiro: Editora 34, 2015.

⁵ Mentiras sobre Marielle Franco continuam a se espalhar três anos após sua execução. <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/03/13/mentiras-sobre-marielle-franco-continuam-a-se-espalhar-tres-anos-apos-sua-execucao.ghtml>

⁶ Testemunha de caso João Pedro foi conduzida para depor em ‘caveirão’ da polícia. <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/testemunha-de-caso-joao-pedro-foi-conduzida-para-depor-em-caveirao-da-policia/>

⁷ Justiça determina que Facebook remova fake news contra estudante morto na Maré. <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/06/29/justica-determina-que-facebook-apague-fake-news-contra-menino-marcos-vinicius.htm>

negro Cleber Augusto⁸, ex-Fundo de Quintal, que não fala mais há 20 anos, desde a descoberta de um câncer nas cordas vocais - a tecnologia tem sido utilizada de forma cada vez mais comum em contextos de desinformação política, pornografia de vingança, golpes e campanhas de difamação. E, como de costume, são as populações negras e periféricas — sobretudo mulheres negras, pessoas trans e ativistas de direitos humanos — que enfrentam os impactos mais violentos.

No Brasil, já há registros de uso de vídeos e áudios falsos para desacreditar candidaturas negras, manipular falas de lideranças de favelas⁹ ou mesmo simular cenas de violência que reforçam estereótipos racistas. O uso de deepfakes como arma política provoca pânico moral. Esta estratégia se combina a um ecossistema de plataformas de redes sociais com cada vez menos transparência algorítmica, bem como, a um imaginário social forjado no racismo estrutural e na violência como norma. Estes, por sua vez, são combustíveis que tornam a desinformação promovida por inteligência artificial ainda mais eficaz e danosa quando direcionada a corpos racializados.

Esse tipo de conteúdo viraliza por meio de um chamado contágio moral, onda que tem capacidade de atrair atenção para esse tipo de conteúdo, facilitando sua rápida disseminação na internet (Brady, Crockett e Van Bavel, 2020¹⁰) justamente porque essa viralização é facilitada pelo fato de o conteúdo moral e emocional ser mais propenso a capturar a atenção do usuário. A mensagem viraliza quando o receptor se sente motivado, e a indignação, o medo e o entusiasmo motivam o indivíduo a repassar o conteúdo recebido.

E, como é de se imaginar, a criação e a viralização de boatos envolvendo pessoas negras ganham impulso por reforçar outras tantas mentiras que durante séculos foram construídas sobre a população negra para normalizar práticas racistas.

⁸ O show tem que continuar: IA devolve voz para sambista do Fundo de Quintal. <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2025/05/12/como-ia-fez-sambista-gravar-album-mesmo-sem-poder-falar-ha-20-anos.htm>

⁹ O ativista que é vítima em série de fake news bolsonaristas. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-64288499>

¹⁰ BRADY, William; CROCKETT, M; VAN BAVEL, Jay. The mad model of moral contagion: the role of motivation, attention and design in the spread of moralized content online. Perspectives on Psychological Science, 15 (4), 978-1010. <https://new.safernet.org.br/content/crimes-de-odio-tem-crescimento-de-ate-650-no-primeiro-semesterde-2022>.

De acordo com dados do Global Digital Report 2024¹¹, o Brasil é o segundo país em que os usuários passam mais tempo online, atrás somente da África do Sul. As cerca de nove horas que o brasileiro dedica ao ambiente online são atravessadas por uma série de riscos aos quais os usuários ficam expostos em plataformas digitais como Instagram, TikTok, Kwai, Facebook e WhatsApp.

A alta exposição a uma oferta variada de conteúdos, aliada a um baixo letramento midiático, propiciam um ambiente fértil para desinformação e discursos de ódio. Neste contexto, alguns grupos ficam ainda mais vulneráveis, como idosos, pessoas de baixa renda, crianças e adolescentes, além de população negra e LGBTQIAP+.

Diante desse cenário, é cada vez mais urgente que se disseminem estratégias de ciber-resistência para uma resposta coletiva de enfrentamento aos danos que podem ser provocados por deepfakes e conteúdos desinformativos. Mais do que reagir a ataques pontuais, trata-se de fortalecer redes e práticas de defesa que combinem vigilância crítica, ação política e construção de autonomia digital — especialmente entre comunidades negras e periféricas. Isso passa por educação midiática racializada, por políticas públicas que alcancem a população para além do ciclo escolar, por marcos regulatórios com abordagem interseccional e por uma profunda mudança na forma como plataformas e governos tratam a integridade da informação.

Cabe destacar que a própria ideia de “integridade da informação” não pode ser neutra. Ela precisa ser conectada à integridade dos corpos, da memória e dos direitos de populações historicamente marginalizadas. Quando um vídeo manipulado simula que um jovem negro cometeu um crime; quando um áudio manipulado faz parecer que uma ativista mentiu; ou quando um rosto é utilizado para gerar conteúdo pornográfico falso, seja de mulheres e até mesmo de crianças¹² — o que está em jogo não é só uma reputação, mas uma vida. O dano é, portanto, emocional, político, social e, acima de tudo, coletivo.

¹¹ Global Digital Report 2024. <https://datareportal.com/reports/digital-2024-global-overview-report>

¹² IA aumenta circulação de vídeos fakes com abuso sexual de crianças <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2024-07/ia-aumenta-circulacao-de-videos-fakes-com-abuso-sexual-de-criancas>

É fundamental, ainda, destacar a resistência crescente, especialmente nas redes sociais, onde as ciberativistas negras, como Jéssica Mara Raul¹³ aponta, desempenham um papel crucial na luta contra a desumanização. O ciberespaço se transforma em uma arena de resistência antirracista e de produção e preservação das memórias negras, servindo como um canal de educação e mobilização. Esses espaços coletivos têm se mostrado essenciais para enfrentar a violência simbólica e reverter o apagamento da memória negra, criando uma contraposição significativa ao discurso de supremacia e violação de direitos.

Para uma saída que seja de fato coletiva, é preciso que nos conectemos com o amor enquanto prática política de bell hooks, assim como Audre Lorde e suas reflexões sobre cuidado e autocuidado. Muito antes do termo ter sido apropriado como sinônimo de “skin care” e de noções individuais de “bem-estar”, Lorde relacionava o cuidado à solidariedade e ao compartilhamento do afeto, à amorosidade e à importância de que esse cuidado se dê no coletivo, para que tenhamos atenção a quem nos cerca e, assim, possamos nos proteger.

Combater narrativas de ódio e fortalecer a memória coletiva de pessoas negras é algo que cabe a todos nós, enquanto sociedade. O amor, enquanto prática política, tem um potencial transformador e inspira novas práticas de resistência. Somente assim será possível a consolidação de uma sociedade mais justa, plural e comprometida com a dignidade e o bem-viver de todas as pessoas.

¹³ RAUL, Jessica Mara. Entre silêncios e protestos: uma reflexão sobre escrita preta no ciberespaço. Revista Docência e Cibercultura, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p.166-194, 31 dez. 2019. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/redoc.2019.44955>.